

Em dia de otimismo, dólar e risco país caem

Moeda americana recua 1,69%, para R\$ 2,912, com emissão de títulos brasileiros no exterior

RENÉE PEREIRA

O bom humor dominou mais uma vez os negócios no mercado financeiro ontem. Não faltaram boas notícias para sustentar o otimismo dos investidores, mas sem dúvida o principal evento do dia foi a emissão de US\$ 1 bilhão de bônus soberanos pelo governo brasileiro, que não fazia captações desde abril do ano passado. A emissão, com vencimento em 16 de janeiro de 2007, fez o dólar despencar 1,69%, cotado a R\$ 2,912, e o risco país recuar 1,06%, para 841 pontos.

Para contribuir com a euforia do mercado, a agência Standard & Poor's elevou a perspectiva da classificação de risco de crédito do País em moeda estrangeira e local de negativa para estável. A emissão chegou a ser comentada pelo diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Horst Köhler, que afirmou que a operação é um sinal positivo de fortalecimento das políticas macroeconômicas do Brasil.

Na opinião do economista chefe da GAP Asset Management, Alexandre Maia, a demanda pelos papéis brasileiros indica maior apetite dos investidores pelo risco Brasil, o que facilita novas captações por prazos mais longos. "Conseqüentemente, as empresas também serão beneficiadas em novas emissões, trazendo dólar para o País e pressionando a moeda para baixo", argumenta Maia.

Algumas companhias já estão aproveitando este bom momento. Ontem, o Unibanco anunciou a conclusão da sexta emissão de bônus no mercado externo neste ano. O valor inicial ofertado ao mercado de US\$ 50 milhões subiu para US\$ 75 milhões, com prazo de 18 meses. O mercado ainda aguarda a captação de US\$ 75 milhões, do Bradesco, e US\$ 50 milhões, do Banco Votorantim. Ainda há rumores de que a Petrobrás e a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) também estariam preparando novas emissões.

Segundo o diretor de tesouraria do Banco Fator, Sérgio Machado, existe um "céu de briga-deiro" no mercado brasileiro. "As reformas estão em pauta, os rebeldes petistas estão sendo enquadrados e a inflação tende a cair", resumiu ele. Já há até expectativa de uma queda nos juros na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), completa Machado.

Ele explica que a tendência do dólar continuará de baixa. E apesar de o governo afirmar que não haverá intervenção no câmbio, o diretor do Banco Fator acredita que algo será feito para conter uma queda muito acentuada. "Existe a impressão de que o BC vai atuar; agora basta saber qual será essa forma de atuação", questiona ele, lembrando que a última administração fez muito mal esse papel. Nem todos, no entanto, pensam dessa forma. Para Maia, da GAP, o governo vem dando sinais de que não vai intervir. (Com AE)